



A criação do Regional Sul 4 e do ITESC: Dialética do catolicismo

The creation of Regional South 4 and ITESC:
dialectics of catholicism

*Altamiro Antônio Kretzer**

Recebido: 08/03/2019. Aprovado: 12/04/2019.

Resumo: *A partir de um olhar da História sobre a Igreja catarinense, mais especificamente no contexto da criação do Regional Sul 4 e do Instituto Teológico de Santa Catarina, este artigo aborda encontros e desencontros no processo de construção da Igreja Católica em nosso Estado. Na busca incessante da unidade, a diversidade tem desempenhado papel importante em toda a história da Igreja. Esta realidade da Igreja como um todo, é analisada sob o prisma da Igreja particular de Santa Catarina, tendo como personagens em destaque o Regional Sul 4, o ITESC e as figuras do Pe. Paulo Bratti e do Pe. Osmar Muller.*

Palavras-chave: *História. Igreja Catarinense. Unidade na diversidade.*

Abstract: *From a historical perspective on the Church of Santa Catarina, more specifically in the context of the creation of the Regional South 4 and the Theological Institute of Santa Catarina, this article addresses meetings and disagreements in the process of building the Catholic Church in our State. In the unceasing pursuit of unity, diversity has played an important role throughout the history of the Church. This reality of the Church as a whole is analyzed under the prism of the particular Church of Santa Catarina, with the South Region 4, ITESC and the figures of Fr. Paulo Bratti and Fr. Osmar Muller.*

Keywords: *History. Catarinense Church. Unity in diversity.*

Introdução

O Brasil experimenta, de maneira mais intensa, nos últimos anos, um clima de intolerância, não apenas política ou religiosa, mas uma intolerância

* Doutor em História Cultural (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2013). Mestre em História Cultural (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2005). Graduado em Filosofia (UNIFEBE, Brusque, 1993).

E-mail: altamiro.kretzer@gmail.com





ao diferente, ao pensar diferente. Parece que este mal, muitas vezes apenas latente, aflora com mais força e intensidade em determinados momentos da história, como se a diversidade fosse algo nefasto. Mas não é!

A diversidade, em todos os campos, é positiva e, até mesmo, necessária. Lembremos, por exemplo, da afirmação do Papa Francisco, em reunião plenária do Conselho Pontifício para o Diálogo entre Religiões, realizado em 28 de novembro de 2013: “o futuro está na diversidade, não na homogeneização de um pensamento único, teoricamente neutro”.¹

Embora busquemos a homogeneidade, pois parece que nos sentimos mais seguros, é na diversidade que a humanidade se desenvolveu.

O presente trabalho busca analisar alguns aspectos dialéticos presentes no processo de criação do Regional Sul 4 e do Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC), processos esses ocorridos quase que concomitantemente. Os desencontros, as discordâncias e até mesmo os choques mais duros presentes nesse processo, ao invés de demonstrarem alguma fraqueza ou erro, foram, na verdade, parte inerente da construção da Igreja catarinense. A diversidade de ideias e concepções ao longo de sua história são responsáveis pela Igreja que temos na atualidade.

1 A busca da unidade na diversidade

Foi em 18 de março de 1969, no 1º Encontro do Episcopado de Santa Catarina, que Dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis, propôs a ideia da criação de um Regional próprio em Santa Catarina. Em 28 de setembro do mesmo ano, após análise da Comissão Central da CNBB, o pedido é deferido, surgindo assim, oficialmente, o novo Regional, denominado de “CNBB Regional Sul 4”.

É nesse contexto histórico que também se dará início ao processo de criação do Instituto Teológico de Santa Catarina, o ITESC, também por iniciativa de D. Afonso. Processo este iniciado no final da década de 1960 e finalizado em 10 de janeiro de 1973, quando oficialmente o ITESC foi criado.

O processo de criação do Regional Sul 4, assim como a criação do ITESC, estão inseridos numa realidade em que a vida interna da Igreja

¹ *Papa critica pensamento único e defende diversidade religiosa*. Disponível online em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/papa-critica-pensamento-unico-e-defende-diversidade-religiosa.html>>. Acesso em: 18 fev. 2019.



Católica passava por profundas transformações: o Concílio Vaticano II (1962-1965), as Conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979), a Teologia da Libertação, a eleição do papa João Paulo II (1978), o surgimento e expansão da Renovação Carismática Católica, entre outros.

Na verdade, a Igreja Católica mundial experimentava ares de renovação já antes mesmo do Concílio Vaticano II. Entre essas diferentes experiências pode-se destacar o

*movimento litúrgico, desencadeado em 1909, na França, por D. Próspero Guéranger; o movimento bíblico, a preocupação ecumênica herdada de Newman, de Mercier e da renovação dos estudos patrísticos com um melhor conhecimento das riquezas do Oriente cristão, o apostolado dos leigos, sobretudo sob a forma da Ação Católica especializada, a renovação teológica em países como a França, Alemanha, Bélgica, o movimento missionário.*²

O Movimento Litúrgico buscava, por exemplo, “democratizar a liturgia” com missas em vernáculo e com maior participação dos leigos. No Brasil, este movimento chegou na década de 1930 e se expandiu com maior força ao longo das décadas de 1940 e 1950 e acabou formando dois grupos: os ativistas e não ativistas, precursores, segundo Serbin, “dos progressistas e conservadores das décadas de 1970 e 1980”.

*Os ativistas valorizavam as questões sociais e a maior participação dos leigos. Os tradicionalistas chamavam-nos de “liturgicistas” encenqueiros e de “meninos da liturgia”. Os não-ativistas consideravam imutáveis a missa e a disciplina. Rejeitavam o Movimento Litúrgico, que viam como uma tentativa de rebaixar o status do clero e de abolir práticas estimadas como o rosário.*³

Por outro lado, a Ação Católica brasileira, já no início da década de 1960, “havia levantado, de modo agudo, as questões da fome, do subdesenvolvimento, do compromisso do cristão no campo político e social para a libertação das grandes massas oprimidas e marginalizadas”.⁴ Embora em seus primórdios a Ação Católica pudesse ter um caráter mais conservador, pois havia sido “criada para reforçar a adesão ao

² BEOZZO, José Oscar (Org.). *O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 6-7.

³ SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 159.

⁴ BEOZZO, José Oscar. 1985, p. 8.



cristianismo católico nos moldes propostos pelas reformas ultramontanas, acabou por se transformar no instrumento, no ‘como’ da esquerdização de parte considerável do catolicismo”.⁵

1.1 Pe. Paulo Bratti e Pe. Osmar Müller: Sinais da diversidade

Esta realidade fervilhante da Igreja Católica mundial, latino-americana e brasileira irá contaminar a realidade da Igreja catarinense e também, obviamente, a realidade do ITESC. Em seu artigo sobre o ITESC, por ocasião dos 20 anos de fundação do mesmo, Dom Afonso, a esta altura ex-arcebispo de Florianópolis e residindo no Seminário de Azambuja, em Brusque,⁶ denuncia esta contaminação e as dificuldades daí advindas na organização e condução do Instituto Teológico.

*A implantação do ITESC deu-se num período bastante turbulento da história brasileira e da comunidade eclesial. Iniciado durante a ditadura militar, poucos anos depois do Concílio Vaticano II, em plena ebulição da Teologia da Libertação, a experiência da “Criatividade Comunitária” em Santa Catarina, as rápidas transformações sociais, as ideologias políticas, uma série imensa, enfim, de fatores turbilhonava na cabeça do povo, principalmente da juventude. Isto dificultou um andamento sereno do Curso Teológico. Uma mescla de tendências gerava confusão, descontentamento e, às vezes, conflitos.*⁷

Estas diferentes visões no seio da Igreja, estas disputas por caminhos diferentes no ser e no fazer Igreja são vislumbradas, portanto, nos primórdios do Regional Sul 4 e do ITESC. Ao se discutir, por exemplo, de que forma se faria o ensino de teologia no Instituto em formação surgiram duas propostas distintas: de um lado o método da “Criatividade Comunitária”, composto por 14 sistemas, defendido pelo Pe. Osmar Müller, subsecretário e organizador do Regional Sul IV; do outro lado

⁵ MANOEL, Ivan. *A esquerdização do catolicismo brasileiro (1960-1980): notas prévias para uma pesquisa*. Estudos de História, Franca, UNESP, v. 07, n. 01, 2000. p. 147.

⁶ Em virtude de sua idade, Dom Afonso havia enviado a Roma seu pedido de renúncia do arcebispado de Florianópolis. Em 23 de janeiro de 1991 a Santa Sé aceitou seu pedido e, em março do mesmo ano, passou a residir no Seminário de Azambuja até seu falecimento em 30 de setembro de 1993.

⁷ NIEHUES, D. Afonso. Anotações para a história do Instituto Teológico de Santa Catarina. *Revista Encontros Teológicos*, Ano 8, nº 1, 1993. p. 36.



a contestação da “Criatividade Comunitária” e a defesa do tradicional método do ensino feita pelo Pe. Paulo Bratti.

Como subsecretário e organizador do Regional Sul 4 da CNBB em Florianópolis e coordenando a pastoral das dioceses catarinenses, Pe. Osmar “empenhou-se de corpo e alma na implantação do método da Criatividade Comunitária como instrumento da ação pastoral”⁸ e, quando da criação do ITESC, também quis que este método fosse utilizado no Instituto. Segundo Besen, “o Regional, tendo Pe. Osmar Muller como subsecretário, pleiteava um curso de teologia alternativo, com os 14 Sistemas de Criatividade ao invés das tradicionais disciplinas teológicas”.⁹ Já o Pe. Bratti questionava o Sistema da Criatividade, afirmando que este tinha um “enfoque quase puramente antropológico, onde talvez houvesse pouco espaço para a revelação, para a transcendência”.¹⁰ Ainda segundo Besen, em virtude desse posicionamento, Pe. Bratti foi muitas vezes acusado de “reacionário, teológico, romanizante e outros quejandos”.¹¹

O método “Criatividade Comunitária” surge na década de 1960, pelas mãos de Waldemar De Gregori, a partir da obra “Elementos Básicas da Teoria da Organização Humana”, ou TOH, de Antônio Rubbo Müller. Este era professor da Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo – FESP, na época um dos institutos da USP, aquele era aluno de pós-graduação do mesmo instituto. Segundo o próprio De Gregori, o método surgiu basicamente a partir de dois ingredientes: os 14 sistemas (S01-Parentesco; S02-Saúde; S03-Manutenção; S04-Lealdade; S05-Lazer; S06-Comunicação/Transparência; S07-Pedagógico; S08-Patrimonial; S09-Produção; S10-Religioso; S11-Segurança; S12-Político-Administrativo; S13-Jurídico; S14-Precedência)¹² e o Seminário Pantoisocrático do professor Müller.

⁸ BESEN, Pe. José Artulino. *Padre Osmar Pedro Müller: uma vida pela justiça*. Disponível em <<http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/padre-osmar-pedro-muller/>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

⁹ BESEN, Pe. José Artulino. Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC (1973-2003). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC*, 3ª fase, nº 23, 2004. p. 156.

¹⁰ BESEN, Pe. José Artulino. 2004, p. 155-156.

¹¹ BESEN, Pe. José Artulino. 2004, p. 156.

¹² DE GREGORI, Waldemar. *Que é Cibernetica Social para o Proporcionalismo?* Disponível em <http://www.waldemardegregori.net/forma/o%20que_bkp.htm>. Acesso em: 23 fev. 2012.



Sua estratégia didática era o Seminário Pantoisocrático (significando: todos são iguais). Neste Seminário os alunos apresentavam pesquisas, resenhas, monografias, numa sequência de etapas típicas do debate científico, estabelecidas num rotador. Ao início constituía-se a mesa diretiva; depois, cada etapa do refaseador/rotador era liderada por um dos presentes que recebia uma bandeirinha como símbolo do cargo e a passava ao seguinte quando o rotador indicasse a próxima etapa. Cada etapa tinha prazo previsto que era assinalado por um cronômetro que circulava junto com a bandeirinha do poder. Tudo era ambientado na TOH.¹³

A partir de 1966 De Gregori passou a trabalhar em organização comunitária nas favelas do Rio de Janeiro. A partir desta experiência, segundo o próprio De Gregori, ele passou “a depurar o academicismo dos 14 sistemas para ajudar no estudo de comunidades periféricas” e desse processo ele teria simplificado os quatro componentes da TOH, que chamou “quatro fatores operacionais” (Espaço, Cronologia, Personagens e Procedimentos). Ainda segundo De Gregori, é daí que “saíram os questionários até hoje utilizados nas comunidades de base (CEBs) para fazer levantamentos ou a tão badalada pesquisa-ação”.¹⁴

Depois, pus-me a extrair do Seminário Pantoisocrático o que me servisse para as reuniões populares de comunidade. O presidente da sessão foi denominado “Animador” e o mestre de cerimônias foi chamado “Recepcionista.” Para os prazos de cada lance da reunião foi criado um “Cronometrista”. E o Secretário teve suas funções redefinidas. Isso foi suficiente para começar o que veio a se chamar “Movimento de Criatividade Comunitária”.¹⁵

Um dos objetivos do método “Criatividade Comunitária” seria, portanto, estimular o “autoconhecimento e melhoria das pessoas para agirem mais cooperativamente, mais construtivamente e menos inconscientemente”.¹⁶

O método do professor De Gregori ganhou notoriedade em diferentes regiões do Brasil de então. Em Santa Catarina, por exemplo, além do Pe. Osmar Müller do Regional Sul 4, o método era adotado

¹³ DE GREGORI, Waldemar. *Online*. Acesso em: 23 fev. 2012.

¹⁴ DE GREGORI, Waldemar. *Online*. Acesso em: 23 fev. 2012.

¹⁵ DE GREGORI, Waldemar. *Online*. Acesso em: 23 fev. 2012.

¹⁶ DE GREGORI, Waldemar. *Online*. Acesso em: 23 fev. 2012.



individualmente por alguns bispos em suas dioceses e “festejado pelos religiosos e coordenadores diocesanos de pastoral”.¹⁷

Na diocese de Chapecó, liderada por D. José Gomes, nos cursos de formação para agentes de pastoral na década de 1970, identifica-se com clareza o uso do método do professor De Gregori.

*A partir de 1975, a grande renovação da Diocese foi a nova metodologia dos grupos de reflexão, que consistiam em reuniões pautadas em debates elaborados com material didático próprio da Igreja Católica. O objetivo da Igreja era a sua popularização. As reuniões eram realizadas em pequenos grupos nos quais se debatiam os problemas políticos e sociais das comunidades rurais e urbanas, buscando possíveis soluções para as questões locais, atuando reflexivamente. A metodologia da ‘criatividade comunitária’ previa que nos encontros e reuniões de discussão houvesse distribuição equilibrada das tarefas de modo a viabilizar a participação de todos, formando lideranças.*¹⁸

O método da “Criatividade Comunitária” era, portanto, utilizado com o objetivo de formar lideranças que pensassem por si mesmas, ativas na busca de soluções para os problemas sociais, que agissem cooperativamente, construtivamente e não de forma autômata, mas conscientemente.

Esse método também foi incorporado em 1968 no Colégio Co-ração de Jesus, de Florianópolis, quando a Irmã Flávia Bruxel assumiu sua direção.¹⁹

Na direção da Flávia ela tratou de trabalhar muito as questões de participação, liberdade com responsabilidade, abriu um pouco o Colégio dum perspectiva de classe econômica social alta de Florianópolis, atendendo a burguesia de Florianópolis, para um espaço que fosse mais popular e mais acessível à população. Esse trabalho teve por base duas correntes fortes: no âmbito religioso, por se tratar de uma Escola confessional, a Teoria da Organização Humana, os escritos de

¹⁷ BESEN, Pe. José Artulino. 2004, p. 156.

¹⁸ DELLA FLORA, Ângela. Teologia da Libertação e a militância política da juventude rural no oeste catarinense. In BROSE, Markus. *Liderança para democracia participativa: experiências a partir da teologia da libertação*. Goiânia: Ed. da UCG, 2008, p. 82-83. Disponível em: <<http://www.care.org.br/wp-content/themes/CARE/Util/pdf/publicacoes/liderancas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

¹⁹ BIANCHEZZI, Clarice. *Religiosas dissidentes: memórias de tensões na Igreja Católica de Florianópolis (1968-1978)*. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Florianópolis, UDESC, 2005. p. 26. Disponível em: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000004/00000412.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2012.



Medellín, a influência do Vaticano II e, isso eram textos que eram também analisados e refletidos em reunião de professores entendendo uma outra lógica de escola confessional, não voltada à burguesia, mas podendo ser aberta a toda a população. E sob o ponto de vista social houve uma descoberta, um contato com Teoria da Organização Humana. TOH como se chamava na época, de forma sinteticamente que organizava a sociedade, as pessoas, os indivíduos em 14 sistemas, a onde havia no Brasil o Movimento da Criatividade Comunitária que na verdade era um movimento que se espalhou em várias partes do Brasil, em Santa Catarina um foco forte foi o Coração de Jesus. Então o Movimento da Criatividade Comunitária que ajudou a fazer uma reflexão sobre o novo papel da escola confessional, especificamente do Colégio Coração de Jesus, e de reorganizar um pouco a sua área pedagógica didática. Na verdade esses foram os grandes suportes sobre os quadros de referência que ajudaram a época fazer essa organização [...] A discussão de currículo, currículo com significado social versos conteúdos elitizantes, o saber pelo saber.²⁰

Irmã Flávia e o grupo que apoiou todo este processo de mudanças progressistas na Congregação das Irmãs da Divina Providência sofreu forte perseguição por parte do grupo das irmãs que se opunham a essas mudanças, que buscavam garantir a continuidade do que até então caracterizava essa Congregação. Em virtude dessa disputa de rumos dentro da Congregação, a Santa Sé enviou dois Visitadores Apostólicos para Florianópolis: primeiramente Dom Acioli, na época abade do Mosteiro Beneditino do Rio de Janeiro e, posteriormente, Dom Karl Rommer, bispo de origem suíça que naquela época era bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Como resultado deste processo, 92 irmãs foram excluídas da Congregação da Divina Providência pelo segundo Visitador, o que as fez fundarem a Congregação da Fraternidade e Esperança em 1978. Há de se frisar que, nesse caso, “não estava em jogo apenas o Método, mas principalmente uma opção pela inserção religiosa nos meios populares”,²¹ uma vez que as irmãs que compunham este grupo progressista da Divina Providência também estavam inseridas em lutas sociais, muitas delas moravam em comunidades carentes nas periferias de Florianópolis.

²⁰ SCHLICKMANN, Mirian. 55 anos. Depoimento em maio de 2005. Florianópolis - SC. Entrevistada por Clarice Bianchezzi. Acervo da autora. Cf. BIANCHEZZI, Clarice. 2005, p. 26.

²¹ BESEN, Pe. José Artulino. 2004, p. 156.



De modo semelhante, no embate entre o Pe. Osmar e o Pe. Bratti sobre qual o melhor método para o ensino de teologia no nascente Instituto Teológico de Santa Catarina, a maioria do bispado do Regional Sul IV optou, segundo Pe. Besen, pelo “caminho da tradição católica” e, como consequência, nomeou o Pe. Paulo Bratti como diretor e coordenador do curso de teologia do ITESC.

Apesar da sedução da novidade, os bispos optaram pelo caminho da tradição católica e, deixando bem clara sua posição, sintomaticamente nomearam para diretor e organizador do curso do ITESC o Pe. Paulo Bratti. Tinha sido apreciado professor em Curitiba e assessor do Regional Sul II.²²

Deste modo, por representar uma opção teológica mais tradicional e segura, Pe. Bratti é feito não apenas diretor do ITESC (Instituto de Teologia de Santa Catarina), mas também reitor do SETESC (Seminário Teológico de Santa Catarina) em 1973, embora seu nome não tenha sido a primeira opção dos bispos catarinenses para o cargo de reitor. Em reunião do bispado catarinense de 25 de agosto de 1971 havia sido decidido, entre outros aspectos, que “o cargo de Reitor seria ocupado pelo Pe. Evaristo Debiasi; o de Orientador geral dos estudantes, pelo Pe. Jacó Anderle; professores especiais seriam contratados para cursos intensivos”.²³

Essa preocupação em relação aos rumos do curso de teologia a ser implantado em Santa Catarina e os responsáveis por implementá-lo já se mostravam presentes nas reuniões preparatórias para a criação do Instituto. Numa delas, por exemplo, da qual participaram Dom Afonso, Pe. Osmar Müller, Pe. Jacó Anderle, Pe. Paulo Bratti, Pe. Evilásio Volpato e Pe. Eloy Guella, se discutira a respeito da necessidade de se escolher para orientador do curso de teologia a ser criado “uma pessoa que leve o instituto com carinho e com garra ao mesmo tempo”, alguém com “madureza e segurança que controle o grupo de professores e seja animador do grupo”. Em relação aos três nomes que teriam surgido naquela reunião para ocuparem esse cargo (o documento não nomeia os três nomes escolhidos) fica decidido que se deverá “fazer uma sondagem junto aos 3 e rastrear mais profundamente suas posições pessoais”.²⁴

²² BESEN, Pe. José Artulino. 2004, p. 156.

²³ NIEHUES, D. Afonso. 1993. p. 34.

²⁴ ENCONTRO DO GRUPO DE TEOLOGIA. Reunião realizada em Florianópolis no dia 19 de fevereiro. O ano não está definido no documento, mas pelos dados constantes



Todas essas disputas demonstram que “a Igreja não é um bloco homogêneo”, pois “abriga diferentes concepções-modelos de Igreja, produzindo, assim, diferentes imaginários sociais e, conseqüentemente, diferentes identidades”²⁵ que, por várias vezes, entram com rota de colisão.

Eram justamente concepções-modelos de Igreja distintas que estavam em jogo na disputa pelo método a ser utilizado no curso de teologia no ITESC. O modelo defendido pelo Pe. Bratti pode ser relacionado ao método aristotélico escolástico, já o modelo defendido pelo Pe. Muller, influenciado pelo método da “Criatividade Comunitária” do professor De Gregori, estava mais relacionado ao que podemos chamar de método socrático, num processo de ironia e maiêutica. Na constituição do ITESC, como vimos, prevaleceu o primeiro, uma vez que os bispos catarinenses “optaram pelo caminho da tradição católica”, evidenciando deste modo a visão de Igreja predominante no bispado do Regional Sul 4 de então.

Na história das instituições são os vencedores que escrevem as linhas. Na história oficial do ITESC Pe. Bratti é constantemente lembrado, integra o mito do fundador. Ao Pe. Osmar Muller, um dos integrantes do grupo que organizou e discutiu a criação do ITESC e do Regional Sul 4, a memória oficial pouco ou nada fala. Pe. Osmar também não figura na lista dos professores do ITESC, já o Pe. Bratti acumulou funções, sendo ao mesmo tempo o primeiro reitor do SETESC (1973-1978) e o primeiro diretor do ITESC (1973 até 1982, ano de sua morte), além de ter sido também professor.

1.2 A questão pastoral

O embate entre os modelos defendidos por Pe. Bratti e Pe. Osmar influenciaram também na visão que o ITESC teria sobre a questão pastoral. Este era um tema que não raramente sofria críticas da parte dos alunos.

Numa reunião entre professores e alunos do ITESC realizada em 12 de dezembro de 1977²⁶ essa questão estava latente. Nessa reunião os

no mesmo suspeita-se que seja do ano de 1971 ou 1972. Arquivo do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC.

²⁵ COUTINHO, Sérgio Ricardo. História recente do catolicismo no Brasil: identidades em confronto. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 37, Ano 19, nº 1, 2004. p. 94.

²⁶ Estiveram presentes nesta reunião o arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso, os padres professores do ITESC Paulo Bratti, Orlando Brandes, Evaristo Debiasi, Ney Brasil, Valter Goedert, Manoel João Francisco e Artulino Besen. Representando os alunos estavam João Francisco Salm, Henrique, José Fritsch, Geraldo Locks, Lino,



alunos do Instituto fazem a seguinte pergunta: “O que o ITESC pensa da Pastoral?” A resposta dos professores mostra que a visão no processo formativo é de que a prática pastoral dos seminaristas seria, na verdade, uma “pré-pastoral”. Segundo a resposta dos professores

– *O ITESC vê a pastoral como uma atividade necessária e complementar à formação teórica; como uma atividade apostólica e atividade humana.*

– *Trata-se de uma pré-pastoral; há uma hierarquia de valores a observar na formação do padre: espiritualidade, estudo, comunidade, e, finalmente, a pastoral.*

– *A pastoral é preferida à Ciência; porque ela é mais facial, exige menos esforço do que o estudo e oferece mais compensação.*²⁷

Ainda segundo os professores do ITESC, haveria uma “certa pressa e impaciência por parte dos alunos diante da problemática da Pastoral para colocar a teoria em prática”.²⁸ Essa era, basicamente, a tensão entre professores e alunos: os professores defendiam a precedência do ensino teórico da teologia, já os alunos insistiam na prática da teologia através da pastoral. Insistiam também na necessidade de terem aulas sobre pastoral que suprissem suas necessidades e angústias. Numa reunião entre bispos do Regional Sul 4 e alunos do ITESC, ocorrida em 11 de maio de 1983, estes interpelam os bispos: “Venha assistir, por exemplo, uma aula de Pastoral! Leia Carlos Mesters e, depois venha assistir, no ITESC, uma aula de Bíblia! A diferença de enfoque é fantástica”.²⁹

Esse debate sobre a questão pastoral, o que é e como deve ser exercida, também gerou intensos debates entre os bispos do Regional. Em 6 de julho de 1983 o bispo de Joaçaba, Dom Henrique Müller OFM, escreve uma carta ao arcebispo de Florianópolis demonstrando sua preocupação com este debate. Segundo este bispo, a Igreja não quer “ativistas’ de pastorais populares”, mas “padres para o exercício da missão específica

Wilson e Agenor Brighenti (Reunião do ITESC em 12/12/1977. Texto datilografado. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis).

²⁷ Reunião do ITESC em 12/12/1977. Texto datilografado. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.

²⁸ Reunião do ITESC em 12/12/1977. Texto datilografado. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.

²⁹ Temas de Reflexão – Encontro de bispos e estudantes: 11 de maio. Texto datilografado, datado de 11 de maio de 1983. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.



da Igreja no mundo”.³⁰ Para Dom Henrique, no Regional Sul 4, estaria ganhando excessivo destaque e força “uma pastoral socializante”, onde “ensaíam-se análises a partir de certos princípios sociológicos, manipulam-se textos da Sagrada Escritura e a ‘integridade da mensagem de Puebla sofre interpretações deformadas, reducionismos reformantes e aplicações indevidas’”. Para o bispo de Joaçaba essa realidade aticaria os “jovens ativistas” a se aliarem “àqueles que no Sul-4, aparentemente, são manchete em certos meios de comunicação social”. Para ele o “ativismo social” teria se transformado em “critério de pastoral”.

Em outro trecho de sua carta Dom Henrique evidencia também sua preocupação com o avanço de práticas e discursos progressistas na pastoral catarinense. Segundo o bispo, este ativismo social presente na pastoral catarinense faz “vibrar os jovens seminaristas e neles despertam um futuro de lutas libertadoras sem nenhuma exigência da Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”. Para ele a Igreja de Santa Catarina precisa de “pastoral e não apenas atividades das CPT, CEBs, CPO, etc.”. Sua crítica centra-se, portanto, justamente em atividades pastorais mais ligadas à prática pastoral da Igreja progressista: a Comissão Pastoral da Terra, as Comunidades Eclesiais de Base e a Comissão Pastoral Operária. Isto porque, ainda segundo Dom Henrique, essas pastorais estimulariam a luta de classes, pois para elas “o negócio é acabar com a opressão e opressores!”, ironiza o bispo. Essa divisão da Igreja entre progressistas e conservadores também influenciaria o ITESC. Para Dom Henrique “os seminaristas do ITESC também se dividem em conservadores e progressistas”. E, nas últimas linhas de sua carta, ele demonstra claramente seu desacordo com a ala de alunos progressistas. Para o bispo estes alunos são pouco afeitos ao estudo e pastoralmente superficiais: “Os conservadores procuram estudar e os progressistas estudam também, mas se satisfazem com um consumo imediato. Optam por uma pastoral de fim de semana e de férias sem muito compromisso”.

Note-se, portanto, que esse debate sobre a importância maior do ensino teórico da teologia ou da ênfase da prática teológica através da pastoral estará também contaminado pelo debate entre os chamados progressistas e conservadores no interior da Igreja Católica. Essa contaminação é também apontada num relatório produzido pelos estudantes do ITESC, endereçado ao Regional Sul 4, que analisa o ano letivo de 1984.

³⁰ Carta de Dom Henrique Müller, bispo de Joaçaba, endereçada ao arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso Nihues, datada de 6 de julho de 1983. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.



Nesse relatório os seminaristas afirmam que naquele ano a disputa entre progressistas e conservadores se acirrou no interior do ITESC, apesar de um grupo de estudantes preferir “ficar em cima do muro”.

Sendo que um bom número de estudantes prefere ficar em cima do muro, pelo menos até que não venha pelo chão, procurando encontrar uma síntese entre as diversas propostas apresentadas. No entanto, fato positivo, a existência de um pequeno grupo que polemiza e questiona a situação e as teses, despertando e desalojando os espíritos menos dinâmicos e criativos.³¹

Vê-se, nesse caso, que a visão pastoral de alguns dos alunos do ITESC difere sobremaneira da visão defendida pelo bispo de Joaçaba, Dom Henrique. Segundo informam os estudantes neste relatório de 1984, a atividade pastoral e a participação ativa nos movimentos populares não reduziria sua preocupação com a formação acadêmica, pois durante o ano de 1984 teriam participado de “diversas manifestações e movimentos populares em defesa dos menos favorecidos” sem com isso prejudicar ou diminuir a importância da “formação intelectual mais rigorosa e sem negligenciar a contemplação e oração, pois a oração também se faz na ação e uma espiritualidade sólida conduz a uma opção livre e madura”.

Este debate buscando um equilíbrio entre teologia e pastoral vai se arrastando ao longo da história do ITESC. Em 1986 volta à tona, e com bastante intensidade. Foi produzido um texto base para uma reunião a ser realizada entre formadores, reitores dos Seminários diocesanos e os bispos do Regional Sul 4. Neste texto base, ao tratar-se das dificuldades enfrentadas pelo ITESC, apontou-se, mais uma vez, o problema da relação entre teologia e pastoral. “A tensão: TEOLOGIA X PASTORAL. A teologia deve ser lecionada em dimensão pastoral. Critica-se o estudo muito ‘academizado’ da Teologia. Exige-se uma Teologia mais pastoralista, voltada para refletir a realidade latino-americana e que motive o aluno ao engajamento formador e libertador”. Ainda segundo esse documento o ITESC seria, para alguns alunos, encarado “como estrutura que favorece o paternalismo, o espírito burguês, formação desligada da realidade, o indiferentismo, a acomodação, etc.”.³² Estas afirmações

³¹ Relatório dos estudantes do ITESC ao Regional Sul 4 referente a 1984. Documento datilografado. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.

³² TEXTO BASE para a reunião dos formadores e reitores dos Seminários diocesanos com os bispos do Regional Sul IV. Documento datilografado e datado de 1986, sem uma data mais precisa. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.



geraram acalorados debates naquela reunião e o texto foi “bastante contestado”, anotou Dom Afonso no canto de uma das páginas do texto base.

De qualquer modo, a acusação de que o curso de teologia do ITESC era muito intelectualizado e pouco pastoral reaparece por várias vezes em documentos do Instituto, principalmente nos produzidos pelos estudantes. A conclusão dos alunos, na avaliação do final do 1º semestre de 1987, por exemplo, aponta para esta conclusão. Segundo estes, o ITESC seria “intelectual”, o curso de teologia não estaria “trazendo subsídios para a prática” e, por isso, do ponto de vista pastoral muitos dos alunos do ITESC não saberiam “conviver com o povo”.³³ Já em 1990, na assembleia conduzida pelo DAT (Diretório Acadêmico de Teologia), os estudantes afirmam que o “estudo de teologia na América Latina, necessariamente deve levar em conta a realidade de opressão e miséria a que o povo está subjugado há séculos”,³⁴ exigindo, deste modo o ensino de uma teologia inserida na realidade social, política e econômica da América Latina. E para a consecução deste objetivo propõem a criação de um Departamento de Pastoral no ITESC. Segundo eles este Departamento de Pastoral seria um “órgão de acompanhamento dos estudantes no 8º semestre/pastoral”. Além da criação desse departamento os estudantes solicitam ainda que sejam contratados novos professores para o ITESC, que tenham formação ligada à realidade latino-americana e catarinense ou ainda que os atuais professores façam reciclagem nesta linha e que cada professor traga também para a sala de aula a reflexão sobre a sua prática pastoral.

A sugestão dos estudantes para que se criasse um Departamento de Pastoral é também abraçada pelo então diretor do ITESC, Pe. Vitor Galdino Feller (empossado em 1989). Em 08 de outubro de 1990 ele envia uma carta aos bispos do Regional Sul 4 solicitando um pastoralista para o Instituto Teológico, um pedido já antigo, conforme fica evidenciado no início da missiva: “Peço-lhes, de imediato, desculpas por voltar à carga no pedido de um pastoralista para o ITESC. Imagino o quanto esta solicitação, que volta e meia vem à tona, lhes deixa angustiados”.³⁵

³³ Ata nº 22, Reunião de avaliação do final do 1º semestre, ocorrida em 26/06/1987. Arquivo do ITESC – Instituto Teológico de Santa Catarina.

³⁴ DAT – Documento final da assembleia dos estudantes. Documento datilografado datado de 03/05/1990. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.

³⁵ Carta do diretor do ITESC, Pe. Vitor Galdino Feller, aos bispos do Regional Sul IV. Documento datilografado datado de 08/10/1990. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.



Em sua carta Pe. Vitor deixa também bastante clara aos bispos a necessidade urgente da contratação desse pastoralista, isto porque, segundo ele, os professores e formadores do ITESC sofrem diuturnamente “tanto a nefasta ausência de um pastoralista, quanto a insistente, e justa aliás, reivindicação dos alunos”. Como argumento para pressionar os bispos a resolverem o mais rapidamente possível esta necessidade do ITESC, Pe. Vitor reconhece, inclusive, a defasagem no processo de formação dos seminaristas que por lá passaram até então. “Os anos vão passando”, afirma o diretor, “e muitos presbíteros vão se formando, muitos bastante defasados justamente naquilo que deverão ser: pastores!”. Pe. Vitor argumenta ainda que, em razão desta deficiência, vai se tornando cada vez mais forte a ideia de que “no ITESC não há espaço, nem formação, para a pastoral”.

No entanto, apesar de toda a insistência do Pe. Vitor, esta opção segunda pelo aspecto pastoral no ITESC acabou se alongando por mais um tempo. Em 1991, por exemplo, houve uma tarde de reflexão para discutir, justamente, a criação de um Departamento de Pastoral no ITESC. Criado em 1973, em 1991, portanto, o Instituto ainda não contava com um departamento específico para este fim.

Desejado há tanto tempo, chegou a hora de começarmos a organizar nosso Departamento de Pastoral do ITESC, com a finalidade coordenar especialmente as disciplinas de Pastoral do currículo e acompanhar e orientar as atividades pastorais de fim-de-semana dos estudantes bem como, progressivamente, refletir e produzir subsídios para a Pastoral do e no Regional.³⁶

No final daquela tarde de estudos coordenada pelo ex-aluno do ITESC, Pe. Juventino Kesting, da diocese de Tubarão, a conclusão foi de que o futuro Departamento de Pastoral do ITESC “deverá levar em conta as seis dimensões pastorais da CNBB e assumir com decisão as duas opções preferenciais de Puebla: os pobres e os jovens”.³⁷

Esta dificuldade ou limite quanto ao trabalho pastoral aparece ainda 30 anos depois da fundação do Instituto. É o que relata o Pe. Agenor Brighenti, ex-aluno, ex-professor e ex-diretor do ITESC entre

³⁶ Notícias do ITESC. *Revista Encontros Teológicos* – Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC. Ano 6, nº 2, 1991. p. 38.

³⁷ Notícias do ITESC. *Revista Encontros Teológicos* – Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC. Ano 6, nº 2, 1991. p. 38.



os anos de 2003 e 2006. Em artigo publicado em 2003, por ocasião das comemorações dos 30 anos do Instituto Teológico, Pe. Agenor afirma que, no ITESC, “o vazio mais preocupante é o da pastoral como o eixo integrador das diversas dimensões da formação. No campo mais especificamente acadêmico, continua o desafio de uma melhor integração entre academia e estágio pastoral dos alunos, através do Departamento de Pastoral”.³⁸ Segundo Pe. Agenor falta ainda uma maior integração entre o ensino da teologia na academia e a prática pastoral dos seminaristas.

*A realidade pastoral precisa entrar na academia e, esta, necessita projetar-se sobre aquela, de modo que o aluno aprenda a refletir teologicamente as práticas pastorais. Há sempre a tentação de conceber a pastoral, ao invés de uma prática profissional, pouco mais do que uma ação de pessoas de boa vontade, mais propícia à aventuras e projetos pessoais do que resposta a desafios concretos desde a fé.*³⁹

Como proposta para tentar amenizar este problema Pe. Agenor sugere que os professores contribuam “com a produção de uma teologia mais contextualizada, não perdendo de vista a especificidade catarinense, e sem por isso cair em regionalismos”.⁴⁰

No entanto, do ponto de vista da história oficial do ITESC e da Igreja catarinense, a linha teológica e os rumos dados ao Instituto Teológico pelo Pe. Bratti foram acertados, tanto é que sempre contou também com o apoio do então arcebispo Dom Afonso. Segundo Pe. Besen, durante a administração do Pe. Paulo, o ITESC teria produzido uma “teologia conciliar”, baseada na “eclesiologia do Povo de Deus”. Isto porque Pe. Paulo “sabia o que a Igreja queria para seus presbíteros e sabia que não pode haver negociação quando se refere à glória do Senhor”.

Como diretor deu ao Instituto a fisionomia que ainda o marca, dele fazendo um dos melhores no Brasil: uma teologia conciliar, eclesiologia do Povo de Deus, a fidelidade sem cair na facilidade, a preocupação com o homem sem o esquecimento da adoração a Deus. Foi muito criticado por parecer transcendentalista, diplomata, ultrapassado. Na verdade,

³⁸ BRIGHENTI, Pe. Agenor. ITESC: uma instituição regional, acadêmica e colegiada. *Revista Encontros Teológicos* – Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC. Ano 18, nº 3, 2003. p. 56.

³⁹ BRIGHENTI, Pe. Agenor. 2003, p. 56.

⁴⁰ BRIGHENTI, Pe. Agenor. 2003, p. 56.



Pe. Paulo sabia o que a Igreja queria para seus presbíteros e sabia que não pode haver negociação quando se refere à glória do Senhor. O apoio que Dom Afonso lhe dava foi de importância decisiva para que o ITESC não se desviasse do caminho.⁴¹

A disputa travada entre Pe. Osmar e Pe. Paulo, por ocasião da fundação do ITESC, portanto, não girava exclusivamente em torno da questão da Criatividade Comunitária. Era uma disputa por modelos distintos de Igreja, de teologia e de inserção desta Igreja no mundo. A vida e as ações de ambos são provas desses diferentes modelos, dessas diferentes formas de ser-Igreja e ser-cristão.

Conclusão

Michel de Certeau, em sua obra *A invenção do Cotidiano – Artes de fazer*, identifica a política e a religião como os mais tradicionais depósitos da crença. A crença não como o objeto do crer, mas como o ato de enunciar a crença como verdade. Neste sentido o discurso religioso é construtor de realidades, é depositário de um poder simbólico. Esta característica do discurso religioso o define, portanto, como um dos instrumentos que buscam dar sentido ao mundo e ao estar no mundo. Em virtude disto os limites do campo religioso são bastante diluídos, na medida em que se inter-relaciona frequentemente como o campo político, econômico, intelectual, cultural, etc. E em razão desta grande abrangência social o campo religioso é alvo de constantes metamorfoses, disputas, mudanças e acomodações.

Foucault afirma que

as lutas políticas, os confrontos a respeito do poder, com o poder e pelo poder, as modificações das relações de força em um sistema político, tudo isto deve ser interpretado apenas como continuações da guerra, como episódios, fragmentações, deslocamentos da própria guerra. Sempre se escreve a história da guerra, mesmo quando se escreve a história da paz e de suas instituições.⁴²

⁴¹ BESEN, Pe. José Artulino. *Padre Paulo Bratti, 25 anos de ausência-presença*. Disponível online em: <<http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/padre-paulo-bratti/>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

⁴² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 176.



Nesta linha de raciocínio podemos afirmar que também no sistema religioso há “os confrontos a respeito do poder, com o poder e pelo poder”, assim como também ocorrem modificações nas relações de força no interior deste sistema. Estas disputas ocorrem tanto entre as diferentes denominações religiosas como também no interior das próprias religiões, motivadas pelas mais diferentes razões.

Embora se autodefinha como Igreja Católica, significando o termo “católica” como sendo “universal”, e una, há, indiscutivelmente, uma multiplicidade de “catolicidades”, muitas vezes até contraditórias, inseridas neste conceito de Igreja Católica Apostólica Romana que se pretende monolítico.

Portanto, entendida em sua historicidade, a Igreja Católica será sempre palco de disputas referentes a ideias, projetos, visões distintas sobre doutrinas, relação com o mundo, entre outros aspectos, pois como instituição histórica está sujeita a conflitos e contradições internas. Embora em certos momentos possam parecer inexistentes ou adormecidas, estas disputas e divergências fazem parte da própria dinâmica das instituições sociais e, entendê-las é também entender a história e a historicidade destas instituições.

Referências

BEOZZO, José Oscar (Org.). *O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985

BESEN, José Artulino. Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC (1973-2003). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC*, 3ª fase, n° 23, 2004.

_____. *Padre Osmar Pedro Müller: uma vida pela justiça*. Disponível em: <<http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/padre-osmar-pedro-muller/>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

_____. *Padre Paulo Bratti, 25 anos de ausência-presença*. Disponível em: <<http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/padre-paulo-bratti/>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

BIANCHEZZI, Clarice. *Religiosas dissidentes: memórias de tensões na Igreja Católica de Florianópolis (1968-1978)*. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Florianópolis, UDESC, 2005.



p. 26. Disponível em: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000004/00000412.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2012.

BRIGHENTI, Agenor. ITESC: uma instituição regional, acadêmica e colegiada. *Revista Encontros Teológicos* – Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC. Ano 18, nº 3, 2003.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. História recente do catolicismo no Brasil: identidades em confronto. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 37, Ano 19, nº 1, 2004.

DE GREGORI, Waldemar. *Que é Cibernética Social para o Proporcionalismo?* Disponível em: <http://www.waldemardegregori.net/forma/o%20que_bkp.htm>. Acesso em: 23 fev. 2012.

DELLA FLORA, Ângela. Teologia da Libertação e a militância política da juventude rural no oeste catarinense. In BROSE, Markus. *Liderança para democracia participativa: experiências a partir da teologia da libertação*. Goiânia: Ed. da UCG, 2008, p. 82-83. Disponível em: <<http://www.care.org.br/wp-content/themes/CARE/Util/pdf/publicacoes/liderancas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

KRETZER, Altamiro Antônio. “*DOMUS DEI ET PORTA COELI*” – Educação, controle, construção do corpo e da alma...: O Seminário de Azambuja entre as décadas de 1960 e 1980. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Catolicismos em disputa: discursos teológicos em confronto no Instituto Teológico de Santa Catarina (1973-2003)*. Florianópolis, SC, 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

MANOEL, Ivan. A esquerdização do catolicismo brasileiro (1960-1980): notas prévias para uma pesquisa. *Estudos de História*, Franca, UNESP, v. 07, n. 01, 2000.

NIEHUES, D. Afonso. Anotações para a história do Instituto Teológico de Santa Catarina. *Revista Encontros Teológicos*, Ano 8, nº 1, 1993.



SCHLICKMANN, Mirian. 55 anos. Depoimento em maio de 2005. Florianópolis – SC. Entrevistada por Clarice Bianchezzi. Acervo da autora. Cf. BIANCHEZZI, Clarice. 2005.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.